

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

DESTINO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO QUATRO)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Setembro de 2008

ÍNDICE

A GENESE.....	01
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	01
PÃO NOSSO.....	02
REPOSITÓRIO DE SABEDORIA.....	03
PÉROLAS DO ALÉM.....	03
ESTUDE E VIVA.....	03
O MESTRE NA EDUCAÇÃO.....	04
NASCER E RENASCER.....	04
O AMOR VENCEU.....	05
RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS.....	05
ALMAS CRUCIFICADAS.....	06
NA SEARA DO MESTRE.....	06
O PROBLEMA DO SER DO DESTINO E DA DOR.....	07
O CONSOLADOR.....	07
EMMANUEL.....	09
NAS PEGADAS DO MESTRE.....	11
DEUS NA NATUREZA.....	11
MENSAGEM FINAL.....	12

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a idéia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue hão tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das idéias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Da intervenção dos Espíritos - capítulo IX

526 - *Tendo, como têm, ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar certos efeitos, com o objetivo de que se dê um acontecimento? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse?*

“É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para as derrogar, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo que figuraste, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem. Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a idéia de subir a escada em questão, que teria que quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse mister a produção de um milagre.”

527 - *Tomemos outro exemplo, em que não entre a matéria em seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore. Estala o raio e o mata. Poderá dar-se tenham sido os Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem?*

“Dá-se o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento, porque estava nas leis da Natureza que assim acontecesse. Não foi encaminhado para a árvore, por se achar debaixo dela o homem. A este, sim, foi inspirada a idéia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, porquanto a árvore não deixaria de ser atingida, só por não lhe estar debaixo da fronde o homem.”

528 - *No caso de uma pessoa mal intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?*

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a idéia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.”

PÃO NOSSO

Emmanuel

Até ao fim

“Mas aquele que preservar até ao fim será salvo.” - Jesus. (Mateus, 24:13.)

Aqui não vemos Jesus referir-se a um fim que simbolize término e, sim, à finalidade, ao alvo, ao objetivo. O Evangelho será pregado aos povos para que as criaturas compreendam e alcancem os fins superiores da vida.

Eis por que apenas conseguem quebrar o casulo da condição de animalidade aqueles Espíritos reencarnados que sabem perseverar.

Quando o Mestre louvou a persistência, evidenciava a tarefa árdua dos que procuram as excelências do caminho espiritual.

É necessário apagar as falsas noções de favores gratuitos da Divindade.

Ninguém se furtará, impune, à percentagem de esforço que lhe cabe na obra de aperfeiçoamento próprio.

As portas do Céu permanecem abertas. Nunca foram cerradas. Todavia, para que o homem se eleve até lá, precisa asas de amor e sabedoria. Para isto, concede o Supremo Senhor extensa cópia do material de misericórdia a todas as criaturas, conferindo, entretanto, a cada um o dever de talhá-las. Semelhante tarefa, porém, demanda enorme esforço. A fim de concluí-la, recruta-se a contribuição dos dias e das existências. Muita gente se desanima e prefere estacionar, séculos a fio, nos labirintos da inferioridade; todavia, os bons

trabalhadores sabem perseverar, até atingirem as finalidades divinas do caminho terrestre, continuando em trajetória sublime para a perfeição.

REPOSITÓRIO DE SABEDORIA

Joanna De Ângelis

Destino

Destinados à luz imperecível, guardamos a destinação sublime da vida real. (DV, 94.)

*

O destino do homem é a perfeição, seu fanal é a glória imarcescível. (FE, 43.)

*

Catalogado pelo Espírito Divino com a função de crescer, tens a destinação de mais amor. (FE, 139.)

*

O destino individual resulta dos atos de cada criatura. (LM, 37.)

*

Autor do destino, o espiritual inculpe, mediante os pensamentos, as palavras e os atos, o que lhe apraz para as conjunturas futuras. (LI, 37.)

*

A cada momento o Espírito está fazendo, modificando, renovando o seu destino. (LI, 39.)

*

Todos estamos destinados à imarcescível glória do Bem, que triunfará, embora a demorada presença do mal que elaboramos em nós mesmos para o suplício que preferimos. (AT, 29.)

PÉROLAS DO ALÉM

Francisco Cândido Xavier

Destino

A ninguém devemos o destino senão a nós próprios. (40)

*

O bem é a luz que liberta, o mal é a treva que aprisiona... Estudando as leis do destino, é preciso atentar para semelhantes realidades indefectíveis e eternas. (40)

ESTUDE E VIVA

Emmanuel - André Luiz

Via de regra, amontoamos títulos de poder e investimo-nos deles, enfeitando-nos com as vantagens que a influência prodigaliza.....Um dia, porém, nas fronteiras da morte, somos despojados de todas as primazias de convenção, e, se algo nos fica, será simplesmente o saldo dos pequenos favores que houvermos articulado,

mantidos em nosso nome pelo alívio, ainda mesmo insignificante e despercebido, daqueles que nos fizeram a gentileza de aceitar-nos os impulsos fraternos.

O MESTRE NA EDUCAÇÃO

Pedro De Camargo (Vinícius)

*

Creio num só destino reservado a todos e cuja realização se dará infalivelmente, no infinito do tempo, conforme se deduz da incomparável Odisséia do Filho Pródigo.

*

O PROBLEMA DO DESTINO

O problema do nosso destino não se reduz a evitar pseudocastigos e obter imaginárias recompensas, neste ou noutros mundos. Semelhante conceituação é de cunho genuinamente egoísta.

Ora, aquele problema, que tão de perto nos afeta, só pode ser solucionado mediante o cultivo do sentimento oposto, que é o amor.

Para vivermos bem, precisamos ter uma certa compreensão da finalidade da vida. Essa finalidade é o amor. Os tropeços e os percalços, as refregas e as lutas, a dor sob seus multiformes aspectos, como também os prazeres e triunfos mais ou menos efêmeros que logramos alcançar, são ensinamentos e experiências, são processos educativos, geralmente mal interpretados, os quais têm por escopo conduzir-nos ao Amor, portanto, à finalidade da vida.

O “porquê” da vida é o amor; e o “porquê” do amor é Deus. A vida leva ao amor e o amor conduz a Deus. Essa trajetória chama-se evolução. Evolução é renovação. A parte individual que nela tomamos denomina-se educação, ou melhor, auto-educação.

Uma vez descoberto esse objeto, o destino vai-se cumprindo, desde então conscientemente; e nós, longe de embarçarmos o seu curso natural, como ora sói acontecer, dar-lhe-emos todo o nosso apoio a fim de que o mesmo se consuma, na eternidade do tempo e na infinidade universal.

Esclarecido assim o senso da vida, teremos desvendado o mistério do destino, encontrando, a seu turno, a desejada felicidade.

NASCER E RENASCER

Emmanuel

CONTABILIDADE E DESTINO

Observemos um instituto bancário em suas operações rotineiras.

Todo cliente em dificuldade nele comparece, rogando certos favores.

Vemos aí aqueles que por excessivamente comprometidos, requisitam mais vastos suprimentos, buscando a solução de grandes contas em mais amplo setor de serviço; os que solicitam a reforma dos títulos que não podem pagar no dia justo; os que suplicam moratória adequada às aflições que atravessam; e os que se

decidem a aceitar juro pesados e escorchantes, na tentativa suprema de liquida os débitos que contraíram em outros campos de expectativa e de ação.

Todos lutam e sofrem, condicionados aos regulamentos a que se sujeitam, trabalhando pela quitação que lhes devolverá o nome à respeitabilidade devida.

Assim, também, na Contabilidade Divina, todos nós, no balanço de antigos débitos, imploramos essa ou aquela providência consentânea com as nossas necessidades.

Há quem peça a provação da riqueza para desvencilhar-se de pesados grilhões nos círculos da economia terrestre e há quem rogue penúria, buscando aprender como se deve agir na fartura.

Há quem suplique doenças do corpo para valorizar a saúde e há quem solicite saúde para estender assistência aos enfermos dos quais se fez devedor.

Há quem exore mutilações e defeitos no campo físico para reconquistar a felicidade na vida imperecível e há quem advogue para si mesmo a concessão de harmonia corpórea para a realização de tarefas determinadas em benefício dos outros.

Há quem se proponha a receber um cérebro claro e forte para servir aos ignorantes e há quem peça um cérebro frustrado para restaurar-se, através da humildade e da dor, perante o próprio destino.

Se já te conscientizaste quanto à grandeza da Criação, confere os talentos e as inibições que te assinalam e por eles compreenderás de que tarefa mais alta a vida te incumbe no curto espaço da existência terrestre, porque facilidade ou obstáculo, ouro fácil e recurso difícil, raciocínio pronto e idéia tardia, são empréstimos da Providência Divina, com tempo exato para o acerto preciso em nosso próprio favor, diante das leis de Deus.

O AMOR VENCEU

Lúcius

“ Muito havia aprendido com ele e o amava como um pai. Juntos estudavam, pesquisando astros, realizando experiências químicas, criando medicamentos que forneciam aos pobres lavradores gratuitamente.

Visitavam os doentes e necessitados, fornecendo-lhes alimentos e carinhosa solicitude espiritual.

Haviam recolhido diversos estropiados, socorrendo-os com seus conhecimentos médicos e espirituais.

Assim, desenvolviam uma imensa atividade e todos estimavam aquele simpático ancião e sua bela protegida.

Naturalmente havia os maledicentes, mas, eles nem sequer notavam, tão elevado o nível de seus pensamentos.

Assim, mais uma vez, o destino de Solimar se cruzara com o de Pécos, transformando-lhe a vida. O que lhe aconteceria?”

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

Emmanuel

Responsabilidade e Destino

Reunião pública de 15-5-59

Questão número 470

O criador, que estabelece o bem de todos como lei para todas as criaturas, não cria Espírito algum para o exercício do mal.

A criatura, porém, na Terra ou fora da Terra, segundo o princípio de responsabilidade, ao transviar-se do bem, gera o mal por fecundação passageira de ignorância que ela mesma, atendendo aos ditames da

consciência, extirpará do próprio caminho, em tantas existências de abençoada reparação, quantas se fizerem indispensáveis.

Deus concede ao homem os agentes da nitroglicerina e da areia e inspira-lhe a formação da dinamite, por substância explosiva capaz de auxiliá-lo na construção de estradas e moradias, mas o artífice do progresso, quase sempre, abusa do privilégio para arrasar ou ferir, adquirindo dívidas clamorosas em sementeiras de ódio e destruição; empresta-lhe a morfina por alcalóide beneficente, a fim de acalmar-lhe a dor, entretanto, enfermo amparado, em muitas ocasiões escarnece do socorro divino, transformando-o em corrosivo entorpecente das próprias forças, com que prejudica as funções de seu corpo espiritual em largas faixas de tempo; galardoa-o com ferro, por elemento químico flexível e tenaz, de modo a ajudá-lo na indústria e na arte, todavia, o servo da experiência, em muitas circunstâncias, converte-o no instrumento da morte, a desajustar-se em compromissos escusos, que lhe reclamam agonia e suor, em séculos numerosos; dá-lhe o ouro por metal nobre, suscetível de enriquecer-lhe o trabalho e desenvolver-lhe a cultura, mas o mordomo da posse nele talha, freqüentemente, o grilhão de sovinice e miséria em que se amesquinha a si mesmo; e confere-lhe a onda radiofônica para os serviços da verdadeira fraternidade entre os povos, mas o orientador do intercâmbio, por vezes, nela transmite notas macabras, em que promove o aniquilamento de populações indefesas, agravando-se em débitos aflitivos para o futuro.

É assim que o Supremo Senhor nos cede os dons inefáveis da vida, como sejam as bênçãos do corpo e da alma e os tesouros do amor e da inteligência.

Do uso feliz ou infeliz de semelhantes talentos, resultam para nós vitória ou derrota, felicidade ou infortúnio, saúde ou moléstia, harmonia ou desequilíbrio, avanço ou retardamento nos caminhos da evolução.

Examina, pois, a ti mesmo e encontrarás a extensão e a natureza de tua dívida, pela prova que te procura ou pela tentação que padeces, porque o bem verte, puro, de Deus, enquanto que o mal é obra que nos pertence - transitório fantasma de rebeldia e ilusão que criamos, ante as leis do destino, por conta própria.

ALMAS CRUCIFICADAS

Victor Hugo

“Galcira, de frente abatida, não respondeu ao marido. Naquele momento um vagido do pequenino Lúcio lhes chamou a atenção.

- Vamos, Galcira - disse Márcio - informamo-nos do estado de nossa filha (pois assim considero Dionéia), porque, pesa-me dizê-lo, ultimamente tens faltado com os deveres cristãos para com a esposa e o descendente de nosso inesquecível filho.

- Acreditaste em tudo quanto Joel falou, Márcio? Basta ser um emissário do infame Cláudio Solano, suspeito pela atitude nos últimos dias em que o vimos.

- Aguardemos o porvir que elucida todos os enigmas da existência humana!

Ambos ficaram em silêncio, e, após alguns segundos de reflexão torturante, entraram no aposento ocupado por Dionéia. Esta estava reclinada em uma almofada carmesim, que fazia sobressair o jaspe da face escultural. Apertava ela ao seio, com indizível ternura, o lindo filhinho, fitando-o enlevada e com doçura, qual se o fizesse pela vez primeira. Túlio, mediativo, a seu lado, olhos fechados, parecia absorvido em fervorosa prece, agradecendo a Jesus a ressurreição da idolatrada filha.

- Meu amigo - disse Márcio, dirigindo-se ao ancião - muito folgo com as melhoras da prezada Dionéia.

- Nós vos agradecemos o amistoso interesse, domine, pois também estávamos ansiosos pelo restabelecimento de Dionéia, para cumprir o nosso triste destino.”

NA SEARA DO MESTRE

Vinicius

“Deixamos de transcrever tal artigo por ser idêntico ao artigo do livro O Mestre na Educação, do mesmo autor.”

O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR

Léon Denis

XIX - A lei dos destinos

Dada, como está, a prova das vidas sucessivas, o caminho da existência acha-se desimpedido e traçado com firmeza e segurança. A alma vê claramente seu destino, que é a ascensão para a mais alta sabedoria, para a luz mais viva. A equidade governa o mundo; nossa felicidade está em nossas mãos; deixa de haver falhas no Universo, sendo seu alvo a Beleza, seus meios a Justiça e o Amor. Dissipa-se, portanto, todo o temor quimérico, todo o terror do Além. Em vez de recear o futuro, o homem saboreia a alegria das certezas eternas. Confiado no dia seguinte, multiplicam-se-lhe as forças; seu esforço para o bem será centuplicado.

Entretanto, levanta-se outra pergunta: Quais são as molas secretas por cuja via se exerce a ação da justiça no encadeamento de nossas existências?

Notemos, primeiro que tudo, que o funcionamento da justiça humana nada nos oferece que se possa comparar com a lei divina dos destinos. Esta se executa por si mesma, sem intervenção alheia, tanto para os indivíduos como para as coletividades. O que chamamos mal, ofensa, traição, homicídio, determinam nos culpados um estado de alma que os entrega aos golpes da sorte na medida proporcionada à gravidade de seus atos.

Esta lei imutável é, antes de mais nada, uma lei de equilíbrio. Estabelece a ordem no mundo moral, da mesma forma que as leis de gravitação e da gravidade asseguram a ordem e o equilíbrio no mundo físico. Seu mecanismo é, ao mesmo tempo, simples e grande. Todo mal se resgata pela dor. O que o homem faz de acordo com a lei do bem proporciona-lhe tranquilidade e contribui para sua elevação; toda violação provoca sofrimento. Este prossegue a sua obra interior; cava as profundidades do ser; traz para a luz os tesouros de sabedoria e beleza que ele contém e, ao mesmo tempo, elimina os germens mal-sãos. Prolongará sua ação e voltará à carga por tanto tempo quanto for necessário até que ele se expanda no bem e vibre uníssono com as forças divinas; mas, na prossecução dessa ordem grandiosa, compensações estarão reservadas à alma. Alegrias, afeições, períodos de descanso e felicidade alternarão, no rosário das vidas, com as existências de lutas, resgate e reparação. Assim, tudo é regulado, disposto com uma arte, uma ciência, uma bondade infinitas na Obra Providencial.

O CONSOLADOR

Emmanuel

Experiência

132 - *Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?*

- Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.

O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloquente testemunho.

Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o

determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

133 - Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?

Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos.

A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escola do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde se falam as que formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular.

134 - Como pode o homem agravar ou amenizar o determinismo de sua vida?

- A determinação divina na sagrada lei universal é sempre a do bem e da felicidade, para todas as criaturas.

No lar humano, não vedes um pai amoroso e ativo, com um largo programa de trabalhos pela ventura dos filhos? E cada filho, cessando o esforço da educação na infância, na preparação para a vida, não deveria ser um colaborador fiel da generosa providência paterna pelo bem de toda a comunidade familiar? Entretanto, a maioria dos pais humanos deixa a Terra sem ser compreendida, apesar de todo o esforço despendido na educação dos filhos.

Nessa imagem muito frágil, em comparação com a paternidade divina, temos um símile da situação.

O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina, e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida. Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.

Daí a necessidade de concluirmos com a apologia da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age com a sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que seu esforço individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.

135 - Se o determinismo divino é o do bem, quem criou o mal?

- O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina.

Eis o mal.

Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime.

Eis o resgate.

Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas.

O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados em vastas experiências. Mas, como Jesus e os seus prepostos são seus cooperadores divinos, e eles próprios instituem as tarefas contra o desvio das criaturas humanas, focalizam os prejuízos do mal com a força de suas

responsabilidades educativas, a fim de que a Humanidade siga retamente no seu verdadeiro caminho para Deus.

136 - *Existem seres agindo na Terra sob determinação absoluta?*

Os animais e os homens quase selvagens nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amor, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal.

Sem saberem amar os irracionais e os irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados da Terra exterminam os primeiros, para a sua alimentação, e escravizam os segundos para objeto de explorações grosseiras, com exceções, de modo a mobilizá-los a serviço do seu egoísmo e da sua ambição.

137 - *O homem educado deve exercer vigilância sobre o seu grau de liberdade?*

- É sobre a independência própria que a criatura precisa exercer a vigilância maior.

Quando o homem educado se permite examinar a conduta de outrem, de modo leviano ou inconveniente, é sinal que a sua vigilância padece desastrosa deficiência, porquanto a liberdade de alguém termina sempre onde começa uma outra liberdade, e cada qual responderá por si, junto à Verdade Divina.

138 - *Em se tratando das questões do determinismo, qualquer ser racional pode estar sujeito a erros?*

- Todo ser racional está sujeito a erro, mas a ele não se encontra obrigado.

Em plano de provações e de experiências como a Terra, o erro deve ser sempre levado à conta dessas mesmas experiências, tão logo seja reconhecido pelo seu autor direto, ou indireto, tratando-se de aproveitar os seus resultados, em idênticas circunstâncias da vida, sendo louvável que as criaturas abduquem a repetição dos experimentos, em favor do seu próprio bem no curso infinito do tempo.

EMMANUEL (DISSERTAÇÕES MEDIÚNICAS)

Emmanuel

XXXII

Dos destinos

Não poucas vezes vos preocupais, nas lides planetárias, com as provações necessárias que julgais excessivas para as vossas forças.

Crede! O fardo que faz vergar os vossos ombros não é demasiado para as vossas possibilidades.

Deus tudo prevê e, sobretudo, a escolha de semelhantes provações é uma questão de preferência individual; é freqüente a vossa incompreensão a respeito desse ensinamento espiritualista.

Estais, porém, entre as masmorras da carne, a vossa consciência limitada freqüentemente se nega a encarar a luz em todos os seus divinos resplendores.

A VIDA VERDADEIRA

Somente fora da existência material podeis refletir acertadamente sobre a verdade. Apenas a vida espiritual é verdadeira e eterna.

E estais certos de que, com a satisfação dos menores caprichos sobre a face do mundo, poderíeis adquirir elementos meritórios para a existência real? O gozo reiterado não vos enlaçaria, mais ainda, na trama da carne

passageira? Sabeis se poderíeis suportar a riqueza sem os desregramentos, a mesa lauta sem os desvios da gula, a posse sem o egoísmo, o bem-estar próprio com o interesse caridoso pela sorte dos outros seres?

Ponderai tudo isso e descobrireis o motivo pelo qual a quase totalidade dos seres humanos escolheu o cenário obscuro e triste das dores para argamassar o tesouro de suas felicidades imorredouras e o patrimônio de suas aquisições espirituais.

A ESCOLHA DAS PROVAÇÕES

Várias vezes já têm sido repetidos os ensinamentos que estou transmitindo sobre as provações terrenas de cada indivíduo.

Muito antes da encarnação, o Espírito faz o cômputo de suas possibilidades, estuda o caminho que melhor se lhe afigura na luta da perfectibilidade e, de acordo com as suas vocações e segundo o grau de evolução já alcançado, escolhe, em plena posse de sua consciência, a estrada que se lhe desenha no porvir, fecunda de progressos espirituais.

Dentro do infinito do Universo e com as faculdades integrais do seu próprio “eu”, reconhece a alma que somente a luta lhe oferta inúmeras possibilidades de evolução, em todos os setores da atividade humana; e, daí, a preferência pelos ambientes de dor e privação, abençoados corretivos que a Providência lhe oferece para a redenção do passado ou para o desenvolvimento das suas forças latentes e imprecisas; cada Espírito, voluntariamente, escolhe as suas sendas futuras, conforme o seu progresso e de acordo com os desígnios superiores.

O ESQUECIMENTO DO PASSADO

Na existência corporal, todavia, a alma sente a memória obscurecida, num olvido quase total do passado, a fim de que os seus esforços se valorizem; a consciência então é fragmentária, parcial, porquanto as suas faculdades estão eclipsadas pelos pesados véus da matéria, os quais atenuam ao mínimo as suas vibrações, constituindo, porém, esses poderes prodigiosos, mas ocultos, as extraordinárias possibilidades da vasta subconsciência, que os cientistas do século estudam acuradamente.

Tais forças e progressos adquiridos, o Espírito jamais os perde; são parte integrante do seu patrimônio e, na vida material, podem emergir no exercício da mediunidade, nas hipnoses profundas, ou em outras circunstâncias que facilitam o desprendimento temporário dos elementos psíquicos.

O HOMEM E SEU DESTINO

Isoladamente, cada um tem no planeta o mapa das suas lutas e dos seus serviços. O berço de todo homem é o princípio de um labirinto de tentações e de dores, inerentes à própria vida na esfera terrestre, labirinto por ele mesmo traçado e que necessita palmilhar com intrepidez moral.

Portanto, qualquer alma tem o seu destino traçado sob o ponto de vista do trabalho e do sofrimento, e, sem paradoxos, tem de combater com seu próprio destino, porque o homem não nasceu para ser vencido; todo espírito labora para dominar a matéria e triunfar dos seus impulsos inferiores.

A VIDA É SEMPRE AMOR

É dessa verdade que necessitais convencer-vos. Existe a provação e faz-se mister não se entregar inteiramente a ela. O espírito ordena e o corpo obedece. A luta é o meio para o êxito na conquista da vida. E a vida integral não é a existência terrena, repleta de vicissitudes sem conta; é a glorificação do amor, da atividade, da luz, de tudo quanto é nobre e belo no Universo; e a consciência é o laço que liga cada espírito a esse “nec plus ultra” que denominamos - a Eternidade.

NAS PEGADAS DO MESTRE

Vinicius

O destino da Criação

A existência presente é uma estrada por onde transita a Humanidade.

Se se pergunta ao materialista onde essa estrada vai ter; ele nos responde: Vai ter ao vácuo, seu termo é o nada. Nós nos encontramos palmilhando este caminho por mero capricho do acaso, pois o acaso também é nada, é abstração.

Se se pergunta à Igreja, onde vai dar essa estrada; ela responde: Este caminho, lá num determinado ponto que jamais ninguém viu ou atingiu, bifurca-se, conduzindo, então, os homens, parte para o Céu, parte para o Inferno. Uma vez vencido esse limite, a Criação estaciona, o movimento cessa, o Universo morre; tudo está consumado.

Se interrogarmos o Espiritismo, ele nos dirá: Esta entrada não vai, nem vem. A Humanidade, a Criação toda é que caminha pela estrada da vida, realizando seu objeto, que é avançar continuamente, progredindo sempre. A existência atual é uma das muitas fases da Vida; é um elo que se liga a outro elo, formando a corrente imensa, cujas extremidades se perdem no infinito dos tempos. Reparaí bem, olhai para trás, e vêde como a evolução vem assinalando a marcha da Humanidade pela Vida além. Abri a História, percorrei ligeiramente suas páginas, e vêde a parábola imensa que a Humanidade tem descrito através dos séculos, obedecendo à grande lei que rege o Universo. A Humanidade coleia aqui e acolá, como serpente, parecendo desviar-se da rota traçada pela mão do Onipotente. É o veneno das paixões que a faz assim estorcer-se; porém, por mais curvas que ela faça, nunca poderá furtar-se ao influxo da Evolução, que a atrai como ímã de irresistível poder. É esse, pois, o destino da Criação, conforme o atesta a História; e os fatos, que se desenrolam sob o domínio de nossas vistas, o confirmam.

DEUS NA NATUREZA

Camille Flammarion

Na sua tendência para tudo referir à sua pessoa como centro exclusivo, o homem restringe os fatos e as idéias. Vimos que a sua teoria da causalidade é disso um exemplo e dos mais famosos. Quando se pretende que os frangos foram feitos para o espeto, não deixa de haver um tanto de personismo na afirmação. Pode dizer-se, é verdade - desde que o homem é onívoro e que sua constituição orgânica exige alimentação mista - que os animais e plantas de que se nutre destinam-se, efetivamente, a lhe prover a existência e que, sem eles, a espécie humana logo se extinguiria. Descer, porém, a minúcias particulares e afirmar que as perdizes fossem criadas para combinar com os temperos da culinária de Vatel; dizer que os bovinos foram principalmente destinados ao caldo gordo, ao bife com batatas, etc.; que os quartos do carneiro e assados de vitela correspondem à finalidade originária das espécies ovina e bovina; que os feijões para nada prestariam se não fossem temperados e que as ameixas só foram douradas pelo sol para serem saboreadas frescas ou em compota, e assim por diante, é incidir no vulgar; é esquecer o sistema geral da Natureza e acreditar que só o homem vive no Universo.

Assim, vamos terminar, lembrando nossa proposição, que é substituir a idéia de causalidade particular pela idéia de *plano geral*.

Não tomamos posição pró nem contra a teoria da transformação das espécies; apenas concluímos que, sem o princípio da destinação dos seres e dos astros, é impossível algo explicar, desde a anatomia à mecânica celeste: nenhuma causa exterior, nenhuma influência mesológica se isenta dessa grande lei. A teoria da

seleção natural substitui, simplesmente, a intervenção miraculosa da causa criadora para cada espécie, por uma lei inteligente, universal.

Ela deixa na Natureza o *pensamento* organizador do mundo sensível ao começo, ao meio como ao fim das coisas.

Esta concepção do desenvolvimento do mundo, mais positiva e científica, não se baseia no causal nem no arbitrário. Apresenta o Universo como unidade viva, cuja existência se desenvolve e se eleva eternamente a um ideal inacessível, de conformidade com a idéia primordial. Origem e fim coexistem, simultaneamente, no atual. Do inorgânico ao orgânico, do orgânico ao vivo e do ser vivo ao inteligente, há um ciclo, uma circulação material e uma ascensão intelectual, obedientes a uma razão dominadora. O mundo não é um jogo de disparates, é um poema no seio do qual não passamos de humilíssimas comparsas, e cujo autor invisível nos envolve na sua radiação imensa, como a esses grãos de poeira que vemos flutuar numa réstia de sol.

Ousemos confessá-lo! O destino integral, absoluto, dos seres é problema insolúvel na atualidade. É um problema que se abre insensivelmente como um abismo, quando procuramos sondar-lhe as profundezas... Uma noite, em Paris, antes do pôr-do-sol, contemplava eu o Sena, debruçado à ponte do Instituto, de onde o panorama se apresentava às vezes maravilhoso. O horizonte purpurizado derramava uma luz rósea nas encarniçadas nuvens que se espalhavam pelo céu azul, e essa luz, banhando a atmosfera da grande *urbis*, dava um aspecto mágico aos edifícios silenciosos. O rio, qual enorme rubi, rolava morosamente para Oeste, sumindo-se no indeciso da distância, onde se casavam a luz e a sombra. À minha esquerda, o zimbório sombrio cinzentava o casario e, além, duas flechas góticas espetavam o céu. À minha direita, as janelas do Louvre, reverberando uma iluminação feérica, emprestavam ao velho edifício desmesurada extensão. Bosque escuro das Tulherias e as alturas vaporosas de uma colina além, prolongavam a perspectiva até as brumas do horizonte. Este panorama apresentava-me com duplo sentido: - era a idéia grandiosa da Natureza pairando sobre a massa de uma grande cidade humana. Pouco a pouco, sentia-me identificado com esse espetáculo de uma existência simultânea da Natureza e da cidade, existência permanente e contudo velha, mas cujo contraste não me houvera tocado ainda, tão vivamente. E contemplando esse duplo espetáculo, acompanhava os movimentos reais, quanto os aparentes, da Natureza. O Sol descia, lento, atrás das colinas; as nuvens se coloriam de um matiz mais róseo, o rio deslizava docemente para o mar distante; o ar refrescado agitava-se brando, como um ritmo respiratório. Esse movimento geral impressionava-me, por isso que o imaginava extensivo a toda a Natureza, e como que me desvendava a circulação total da vida planetária. Mas o motivo predominante da minha atenção era a idéia de que todo esse movimento se contemplava, *como se o homem ali não estivesse*.

MENSAGEM FINAL

Luiz Pessoa Guimarães

Um assunto às vezes, tão incompreendido e tão ricamente abordado nas obras espíritas, temos agora a oportunidade de compará-lo, confrontá-lo e às vezes completar o sentido quando lido em conjunto na visão de autores encarnados e desencarnados. Podemos aplicar aqui a máxima consoladora do Cristo "Conhecereis a Verdade e ela vos libertará". A Verdade foi colocada nos livros, precisamos lê-los.